

Marcelo Lobato prepara primeiro trabalho solo

PÁGINA 3



Livro traz textos esquecidos de Augusto Boal

PÁGINA 5



O belo 'O Menino e a Garça' chega ao circuito brasileiro

PÁGINA 7



2º CADERNO

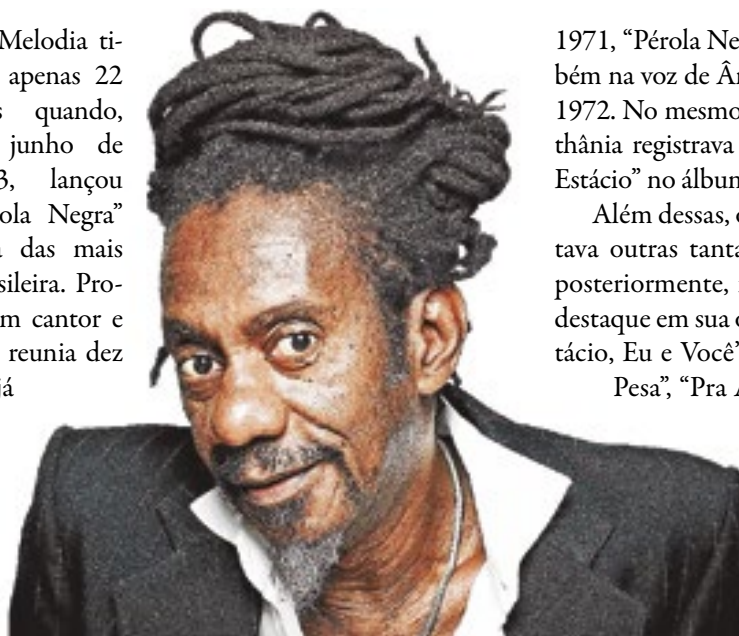
Uma obra-prima revisitada

Seis das 10 faixas de 'Pérola Negra', o estupendo álbum de estreia de Luiz Melodia, ganham releituras de artistas como Criolo, Mart'ália, Liniker, Zezé Motta, Sandra de Sá, Anelis Assumpção e Mahmundi, que assina a bela produção



Luiz Melodia tem parte de 'Pérola Negra', seu impressionante álbum de estreia, reavivado nas releituras por artistas negros no EP produzido por Mahmundi para a Universal

Luiz Melodia tinha apenas 22 anos quando, em junho de 1973, lançou "Pérola Negra" - estreia fonográfica das mais felizes da música brasileira. Protagonizado pelo jovem cantor e compositor, o álbum reunia dez faixas, das quais duas já haviam sido gravadas por intérpretes consagradas. Eternizada por Gal Costa em "Fa-tal - Gal a Todo Vapor", show e disco de



1971, "Pérola Negra" surgia também na voz de Ângela Maria, em 1972. No mesmo ano, Maria Bethânia registrava "Estácio, Holly Estácio" no álbum "Drama".

Além dessas, o disco apresentava outras tantas canções que, posteriormente, figurariam com destaque em sua obra, como "Estácio, Eu e Você", "Vale Quanto Pesa", "Pra Aquietar", "Magrelinha" e "Farrapo Humano".

Para celebrar o cinquentenário do

álbum, a Universal Music lança "Pérolas Negras - Um Tributo a Luiz Melodia", projeto que engloba um EP e os singles avulsos, com adesão de Jane Reis, viúva do artista que nos deixou precocemente aos 66 anos, em 2017. "Participei desde o começo, conversando muito sobre repertório, artistas, e todas as escolhas. É bonito ver pessoas especiais cantando, compreendendo, com tanta propriedade e com a clareza que permeia o trabalho. A vida é isso: um colaborando com o outro e deixando a marca", comenta.

Continua na página seguinte

Lucas Nogueira/Divulgação

Fotos/Divulgação

‘Luiz Melodia é uma preciosidade’



Zezé Motta



Mart'nália



Criolo



Anelis Assumpção



Liniker

O tributo começou a tomar forma ainda em 2023 com a entrada de Mahmundi, convidada a assumir a direção e produção musical. “Luiz Melodia é uma preciosidade, sinônimo de beleza, riqueza, poder. Achei chiquérrimo o projeto”, diz a compositora, cantora e multi-instrumentista carioca. “Por estar diante de um álbum emblemático, sabia da responsabilidade de realizar novas versões e com artistas que a gente ama”, referindo-se ao time de intérpretes formado por Anelis Assumpção, Criolo, Liniker, Mart'nália, Sandra Sá e Zezé Motta, além da própria Mahmundi.

O elenco carrega afinidades e conexões variadas com o álbum e com o homenageado. “Ouvi o disco em 2000, em uma festa de rua no Grajaú (bairro paulistano). ‘Pérola Negra’ é incrível, com músicos incríveis, e ele, Luiz Melodia, deixando tudo mágico”, rememora Criolo.

Na lembrança de Mahmundi, vem a música que ouvia nas ruas de Marechal Hermes. “Fui ouvir o álbum tempos depois. O repertório é todo lindo, muito profundo, e tem uma coisa do Rio de Janeiro ali, em cada canção”. Mart'nália conta que conheceu o disco quando era adolescente. “Minha mãe gostava muito dele e tive contato assim que lançou. Lembro de ter ficado comovida pela força e limpeza da voz do Melodia.”

Liniker ressalta que Luiz Melodia teve um impacto na sua família, não só pelas canções.

“Por sua elegância, ele chegava nesse lugar em que o preto no Brasil não era vinculado, de ser chique, bem vestido.” Anelis Assumpção revela que “Pérola Negra” esteve presente desde a sua infância: “Esse disco entrou na minha vida muito cedo por conta do meu pai (Itamar Assumpção), que tinha uma ligação íntima com o Melodia. Dois gigantes da música brasileira, geniais e marginalizados”. Também próximas de Luiz Melodia, Sandra de Sá e, mais ainda, Zezé Motta já haviam gravado composições do amigo.

Na concepção musical do tributo, Mahmundi contou com um “fiel escudeiro” na coprodução: o músico e compositor Josefe. As seis faixas selecionadas receberam instrumentação enxuta e arranjos que, embora distantes do registro feito em 1973, preservam a

ta a diretora, que fez questão de ambientar o estúdio com uma seleção de vídeos do Luiz Melodia. As seis faixas ganharam registro audiovisual, gerando um documentário a ser lançado em breve.

É Criolo quem inicia o tributo, cantando a faixa-título, “Pérola Negra”. Em tom intimista, ele mergulha no blues e flutua nas incertezas da letra que diz “Baby, te amo, nem sei se te amo”. Para o cantor, a gravação foi “muito serena”. “Coloquei voz valendo, no mesmo set de filmagem. O contexto de estar com aquela equipe foi muito especial, ver meu povo lindo produzindo coisas lindas.”

Mart'nália vem a seguir com “Estácio, Eu e Você”, brejeira como ela só. Bem à vontade nesse samba-choro, parece imbuída da mesma emoção que atravessava os encontros com Melodia. “Foram todos marcantes, com muita resenha. Ríamos e nos abraçávamos muito, papo de vascaínos”, recorda a cantora, sorrindo.

O bairro onde o poeta cresceu também é cenário de outra canção, “Estácio, Holly Estácio”, aqui abraçada pela voz de Mahmundi. “Melodia tem uma sutileza ao falar dos sentimentos do coração, ‘fico manso, amanso a dor, holiday é um dia de paz, solto o ódio, mato o amor’, essa letra é linda”, sublinha. A intenção era vestir a faixa de latinidade. “Quis fazer um bolero brasileiro, e como eu cresci! Josefe me ajudou bastante a achar o modo de contar essa história.”

“Pra Aquietar” deixa o rock da gravação original e cai no suingue com Sandra de Sá na levada do samba. É nessa letra que Luiz Melodia foi censurado e, por pirraça, inventou versos como “não posso pra lá paraguaio para”. Sandra também improvisa e sugere “desligar o segurador de onda e curtir”, e ainda finaliza com versos de “Juventude Transviada.”

O dueto de Anelis Assumpção e Zezé Motta traz à tona a pungente emoção de “Magrelinha”. Marcada pelo piano de Samuel Silva, a faixa caminha num crescente que culmina com as duas vozes entrelaçadas. “Conheci ‘Magrelinha’ antes de conhecer o disco. Eu era muito magra, meu pai [Itamar Assumpção] cantava essa música e dizia que fez pra mim. Só depois descobri que era do Melodia e virou uma piada familiar”, conta Anelis. Gravada por Zezé Motta em seu álbum de estreia, em 1978, a canção é definida por ela como “grandiosa”.

Coube a Liniker legitimar o acento soul de “Vale Quanto Pesa”. A sexta e última faixa do tributo ainda vagueia pelo blues e bolero. A cantora se reconhece na poesia de Luiz Melodia: “Ele pode ser muito direto e, ao mesmo tempo, é um cara que sempre construiu imagens em tudo que escreveu”.

Rodrigo de Paula/Divulgação

Jay Nonso/Divulgação

Um operário da música

Rodrigo Ferraz/Divulgação

Músico, compositor e produtor, Marcelo Lobato (ex-O Rappa) prepara seu primeiro EP solo

Conhecido por seu trabalho como com O Rappa e com a cultuada Afrika Gumbé, o músico, produtor musical e compositor brasileiro Marcelo Lobato anuncia o lançamento de “Carregador de Piano”, seu primeiro EP solo. Com produção de Lobato e Zé Nóbrega, o trabalho conta com participações especiais de Elizza e Rodrigo Suricato e será lançado no dia 29 de março.

Uma verdadeira carta de intenções criativas, o projeto solo surgiu durante o período pandêmico, com o artista explorando sua versatilidade até onde conseguia chegar. O projeto, que teve início durante a pandemia, foi totalmente gravado nas bases musicais da própria casa



Lobato: ‘Gosto de combinar estilos musicais distintos. Faz parte da minha natureza’

de Lobato, destacando sua versatilidade e alcance como artista.

Para Lobato, o título “Carregador de Piano” é uma síntese de sua jornada como artista. Em suas próprias palavras, ele explica: “Carregador de piano” é um termo que vem do futebol. O cara que exerce várias funções no time.

Não fica acomodado com o resultado cômodo, óbvio... Ao longo da minha trajetória musical nunca me quietei a fazer uma coisa só. Até por uma questão de sobrevivência. Gosto de experimentar timbres diferentes, ritmos diversos, combinar estilos musicais distintos. Já faz parte da minha natureza em relação à

música. Participo de todas as etapas que fazem parte do trabalho.”

Nascido em 1970, Lobato começou sua carreira na música na adolescência. Aos 16 anos, Lobato entrou para a banda Urge, onde atuou como tecladista e vocalista. A experiência com o grupo foi fundamental para seu desenvolvimen-

to musical. Pouco depois, conheceu Marcelo Yuka, fundador de O Rappa, e começou a colaborar com a banda como músico convidado. Em 1995, se tornou membro oficial da banda. Sua habilidade como tecladista deu nova dimensão ao som do grupo, enriquecendo as composições com camadas de sintetizadores e pianos.

Ao longo de sua trajetória, Marcelo Lobato participou ativamente da criação dos arranjos musicais e da produção dos discos d’O Rappa, deixando sua marca registrada no som característico da banda. Algumas das músicas mais famosas do grupo, como “Minha Alma” e “Pescador de Ilusões”, contam com a contribuição de Lobato.

Além de seu trabalho n’O Rappa, Lobato também se envolveu com diversos outros projetos musicais: colaborou com artistas como Raimundos, Pato Fu, Skank e Paralamas do Sucesso, além de contribuir para trilhas sonoras de filmes e programas de TV.

“Carregador de Piano” será lançado pela Lobo Records, selo do artista e que busca em sua diversidade uma fusão de estilos com olhar para a música urbana junto da world music e da MPB.

CRÍTICA / DISCO / URUCUNGO

Por Aquiles Rique Reis*

Assim é a música brasileira

Divulgação

Hoje falaremos do nono álbum de Fabiana Cozza (terceiro pela Biscoito Fino), “Urucungo”, trabalho dirigido pelo cavaquinho e bandolonista Henrique Araújo, que também assina a produção musical junto com o percussionista Douglas Alonso. Pelo release, sabe-se que ambos têm longa trajetória musical ao lado de Cozza, tendo participado de praticamente toda a sua discografia. Uma curiosidade: termo do quimbundo, “urucungo” é um dos nomes para berimbau.

Mas voltemos a Fabiana Cozza: seu vozeirão parece nascido para um dia cantar Nei Lopes. Pois em sua voz as músicas revelam-se como as verdadeiras obras-primas que são, tesouro que ela burilou como a ourives do ofício de embelecer o

belo, tornando-o definitivo. E assim foi!

Samba, partido alto, samba-canção, samba-enredo e jongo são (en)cantados por ela, tais como “Urucungo” (https://youtu.be/S1YsALHzvBY?si=MPFUsBlQZVWo9n_O), de Marcelo Menezes e Nei Lopes; “Já Não Manda Mais Em Mim” (Ivan Lins, Vitor Martins e NL); Ré, Sol, Si, Ré” (https://youtu.be/S1YsALHzvBY?si=MPFUsBlQZVWo9n_O) e “Senhora do Mundo” (https://youtu.be/S1YsALHzvBY?si=MPFUsBlQZVWo9n_O), ambas de Wilson Moreira e Nei Lopes; “Samba de Longe” (Reginaldo Besa e NL) e “Tela de Bamba” (Dauro do Salgueiro e NL).



Também o são junto a seus convidados – Leci Brandão (voz): “Dia de Glória” (Wilson Moreira e NL); Francis Hime (piano): “Ofertório” (Francis e NL); João Camarero (violão): “Pólen” (Fátima Guedes e NL); Nei Lopes (voz): “Quesitos” (Wilson Moreira e NL); Ilessi (voz): “Alquimias” (Everson Passos

e NL); e Guinga (voz e violão): “Jurutaí” (Guinga e NL).

Os arranjos de Henrique Araújo (cinco), Gian Correa (cinco), João Camarero e Guinga (um cada um) se esbaldam em percussões, bateria, clarone, sax soprano, flauta, clarinete, piano, cavaco, bandolim, baixo acústico, violões (sete cordas e tenor) e coro, tocados por músicos que trazem no sangue a seiva da música negra ancestral. Tudo movido a ritmos, dores, saudades e esperanças em um mundo fraterno e mais disposto a acolher as diversidades, sejam elas musicais, de gênero, cor ou religião.

Ao ouvir as doze faixas do disco (selecionadas dentre as mais de 30 músicas que recebeu para escolher),

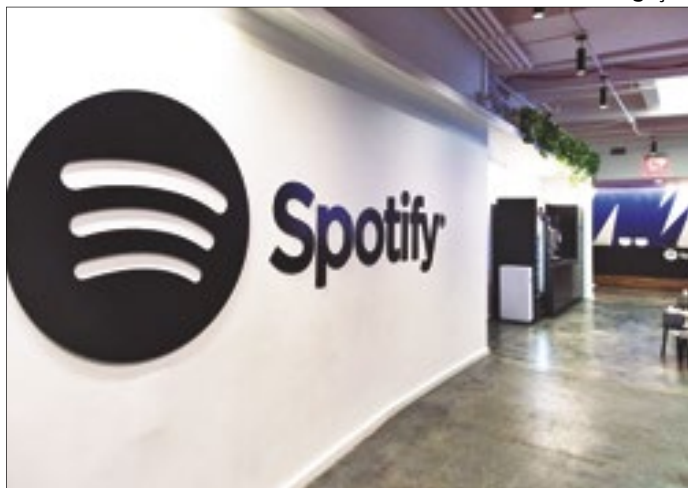
sinto como se Cozza houvesse recebido a premonição de que tinha nas mãos alguns documentos musicais. As testemunhas da criatividade de um gênio popular, a matriz definitiva de quem flameja imponente na cultura musical africana/brasileira: Nei Lopes! Além de compositor, escritor e intérprete, Nei é um dos grandes estudiosos das culturas africanas no Brasil.

E eis que, num dia qualquer, reunidos os orixás, um deles apontou para ele e disse: Nei Lopes é malungo nosso! Como as colunas de Niemeyer, ele é o cara que identifica e traduz o Brasil. E deu-se o espanto!

Em meio a suas carreiras, “Urucungo” é um álbum que faz de Fabiana Cozza e Nei Lopes musicistas definitivamente fundamentais para a cultura musical afro-brasileira.

*Vocalista do MPB4 e escritor

CORREIO CULTURAL



Divulgação

O Spotify responde pela maior fatia das plataformas

Spotify diz que pagou US\$ 9 bi à indústria musical em 2023

Em meio a uma grita generalizada de que as plataformas de streaming remuneram mal os músicos e compositores, o Spotify anunciou ter pago US\$ 9 bilhões à indústria musical em 2023.

Em comunicado, a plataforma revela que o montante triplicou nos últimos seis anos, representado um valor

importante entre os US\$ 48 bilhões que a fundação pagou até então.

Há um ano, o Spotify afirmou que devolve à indústria 70% de cada dólar que gera com o seu catálogo. Essas taxas que são pagas vão primeiro para o detentor dos direitos autorais e, em seguida, para os artistas, que ficam com um valor menor.

É o favorito

Christopher Nolan levou o prêmio de melhor direção de 2023 do Sindicato dos Diretores de Hollywood por "Oppenheimer". A premiação consagrou 18 dos últimos 20 ganhadores de melhor direção do Oscar, o que faz de Nolan o favorito na categoria.

Refilmagem

Denzel Washington e Spike Lee vão se unir para refilmar um dos filmes mais importantes do cinema japonês, "Céu e Inferno", lançado pelo realizador Akira Kurosawa (1910-1998) em 1963. O projeto foi anunciado pela Apple Original Films.

Aposta no agro

Preparando uma série de novidades para a sua programação para 2024, o SBT vai estreiar em 17 de março uma atração dedicada ao homem do campo e ao agronegócio. Trata-se do SBT Agro. A ideia é aumentar o faturamento da emissora aos domingos.

Reclamações

Donna Summer acusa Kanye West de usar citação não autorizada de "I Feel Love". A música em questão é "Good (Don't Die)". A reclamação ocorre após Ozzy Osbourne alegar que West também usou uma amostra de "Black Sabbath" sem permissão.

Letras carnavalescas

CRÍTICA / LIVROS

Por Olga de Mello
Especial para o Correio da Manhã

Muita gente aproveita feriadão para botar leitura em dia. Leitor regular nunca está em dia com leituras, vive no atraso, já que abriu um bocado de livros, leu três páginas e o trocou por outro recém-chegados às mãos. Leitor contumaz é assim, inconstante, deixa um velho amor pela nova paixão. Às vésperas do maior feriado destes trópicos, tanto quem não liga para a folia quanto os que precisam se recuperar entre um bloco e outro podem se enroscar em alguma rede para ler um pouquinho.

Da pilha dos tsundokus, aqueles livros folheados, iniciados e deixados de lado para uma oportunidade mais adequada à fruição, recuperar o fôlego e retomar *A Bastarda* (Bazar do Tempo, R\$ 73) pode ocupar mais do que um Carnaval. As memórias romanceadas da francesa Violette Leduc são predecessoras da onda de autoficção tão em voga atualmente. Boa parte de sua obra se enfatizou os amores por homens e mulheres, além de sua baixa autoestima, gerada pela condição de filha não reconhecida de um homem rico. As recordações da infância e juventude são narradas em tom exuberante, ousado a ponto de ter livros censurados pelas descrições realistas de suas relações com a primeira namorada – a inspetora do internato onde estudava. A insegurança cultural e física – faz questão de salientar que jamais foi bonita – não impediram o sucesso como jornalista, profissão que exerceu paralelamente à literatura, incentivada por Simone de Beauvoir, uma de suas paixões não correspondidas.

O desabafo arrebatador e atordoante se estende por 500 páginas, emoldurado pela história que se desenrola a seu lado – uma família de vizinhos judeus presos

pelos nazistas, a indústria da moda dirigida à população rica que não se abala durante a ocupação alemã da França, os intelectuais com quem conviveu.

O oceano no fim do caminho (Intrínseca, R\$ 91), lançado em 2013 pelo inglês Neil Gaiman, ganhou uma edição ilustrada em capa dura belíssima. Celebrado por suas histórias de fantasia para o público infanto-juvenil, Gaiman é daqueles escritores cujas histórias agradam a qualquer faixa etária, pois sabe, como poucos, manter o leitor hipnotizado pela trama. Um homem volta ao povoado onde passou a infância, no interior da Inglaterra, e se recorda das estranhas situações sobrenaturais enfrentadas por sua família. Salvo pela proteção de três mulheres da vizinhança, ele se senta à beira de um lago que sua amiga, uma menina de onze anos, com conhecimento e poderes mágicos, chamava de 'oceano'.

Um velho jornalista como tantos que conheci: diversos casamentos fracassados nas costas, subempregado tendo como único patrimônio as lembranças de uma carreira bem-sucedida, vivendo da caridade dos amigos. Esse é o protagonista de *Chuva de papel* (Companhia das Letras, R\$ 40), de Martha Batalha, que, mais uma vez tem o Rio de Janeiro quase como um personagem. É na megalópole agitada, em constante transformação, que Joel, o repórter policial de 70 anos, circula, em fuga de seu perene desassossego. Recuperando-se de uma tentativa de suicídio na casa da tia de um colega, ele se refugia na esperança de escrever uma última boa história como antídoto contra a solidão e as dívidas financeiras que só faz acumular. Mais uma impecável crônica sobre a cidade que sempre acaba por superar sua melancólica decadência, apoiando-se no afeto, exatamente como Joel.



Livro traz peças inéditas do dramaturgo e diretor que criou o Teatro do Oprimido

Por Gustavo Zeitel (Folhapress)

Exilado na Argentina nos anos 1970, Augusto Boal mirava um ideal para a civilização latino-americana. Ele pensava como seria justa uma lei que proibisse qualquer argentino de passar fome. Assim, o diretor teatral e dramaturgo, morto em 2009, arregimenta sua trupe para um lauto almoço, num restaurante de Buenos Aires. Sem dizer que encenava uma peça, o grupo se refestela com iguarias e bebidas. Logo que o garçom cobra a conta, todos se rebelam alegando a existência da suposta lei.

Um barraco se forma no estabelecimento, e o quebra-pau entre atores e garçons enseja a peça proposta pelo criador do Teatro do Oprimido, método mundialmente conhecido por denunciar as desigualdades sociais. O ímpeto revolucionário de Boal ganha agora novos matices, com o livro “Augusto Boal: Teatro Reunido”, lançado pela editora 34.

São 14 textos escritos pelo dramaturgo, concebidos entre a década de 1950 até os anos 2000. A obra tem clássicos como “Torquemada”, de 1971, apropriadas pelas novas gerações de diretores para o contexto político atual, e quatro peças inéditas, criadas para o Teatro Experimental do Negro, o TEN, que mostram o interesse do autor pela cultura afro-brasileira.

A descoberta foi realizada graças ao trabalho do pesquisador Geo Britto, que localizou os textos esquecidos no Arquivo Público do Estado de São Paulo. “O pensamento marxista de Boal não separa as questões de raça e de gênero da luta de classes”, diz Britto, lembrando a relação tensa que Boal mantinha com o PCB. Tampouco esse homem de teatro separava a realização teatral da prática política.

Para a sua formação, o encontro com Abdias do Nascimento, fundador do TEN, é decisivo. Boal encontra o ativista, pela primeira vez, num bar, justo quando havia completado a maioridade. Por intermédio de Nelson Rodrigues, Abdias se torna seu mentor, sensibilizando-o para a histórica questão racial do país. As reuniões passam a ser frequentes, muitas realizadas na casa da atriz Léa Garcia.

Boal frequenta terreiros de candomblé, adquirindo conhecimento sobre as religiões de matriz africana. Nos anos 1950, o TEN tinha o



Os textos esquecidos de Boal

‘Augusto Boal - Teatro Reunido’ apresenta 14 textos do dramaturgo, incluindo textos inéditos criados para o Teatro Experimental do Negro

Divulgação



objetivo de incluir o ator negro nos palcos brasileiros. Para tanto, precisavam de um repertório original. Nesse sentido, Nascimento encomenda a Boal os datiloscritos, agora localizados e publicados no livro.

Em “O Logro”, de 1952, o dramaturgo torna seus personagens mais complexos, explorando as incorporações do candomblé. Jerônimo corresponde a Xangô, enquanto Bárbara representa Iansã. Na trama, o casal tenta recuperar a reputação de um terreiro, que havia caído em descrença. “O Cavalo e o Santo” conta a história de Marina, menina negra que desejava pintar o cabelo de loiro. A peça é liberada para encenação com cortes, feitos pela censura que prejudicam a compreensão da trama.

“A técnica do Teatro do Oprimido é bem mais conhecida do que as peças escritas pelo meu pai”, diz Julián Boal, filho do dramaturgo e um dos coordenadores da Escola de Teatro Popular. “Quem não conhece esses textos pode simplificar a prática que ele desenvolveu.”

Todas as criações para o TEN estão reunidas na segunda parte do livro. Na terceira, apa-

recem outros três textos inéditos, sendo “Suave Canção”, também do período de aprendizagem de Boal, que estudou teatro, nos Estados Unidos, com John Gassner. Já “Herança Maldita” e o “Amigo Oculto” já datam do século 21. Entre os dois períodos, Boal cria uma linguagem artística própria e paga o preço por sua militância política.

Nascido e criado na Penha, subúrbio carioca, Boal inicia uma revolução no teatro brasileiro, propondo os seminários de dramaturgia no Teatro de Arena, em São Paulo, onde valoriza o repertório brasileiro. Inspirado pelo alemão Bertolt Brecht, ele faz, nos anos 1960, um teatro político, alicerçado num raciocínio dialético e pedagógico.

Em 1964, ele dirige o célebre show “Opinião” e, em seguida, dá forma, com Gianfrancesco Guarnieri e Edu Lobo, ao ciclo “Arena Conta” - “Arena Conta Zumbi”, “Arena Conta Tiradentes” e “Arena Conta Bolívar”. Em 1971, é preso e exilado, primeiro na Argentina, depois em Portugal e na França, só retornando ao Brasil em 1984, com a Lei da Anistia. Nesse ínterim, sistematiza suas ideias ao lançar o livro “Teatro do Oprimido”.

A técnica consiste num conjunto de jogos e exercícios, como aquele feito num restaurante em Buenos Aires, em que as classes subalternas são protagonistas e tomam consciência da opressão sofrida. Ao redor do mundo, a obra de Boal ganha novos significados, a depender do contexto político. Na Argentina, o diretor Diego Rodriguez quer completar uma trilogia de peças escritas pelo brasileiro, a partir da vitória do ultraliberal Javier Milei nas eleições presidenciais.

Estrela de 'Pantera Negra', ganhadora do Oscar por '12 Anos de Escravidão', Lupita Nyong'o lidera o júri do Festival de Berlim celebrando a luta antirracista

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Estrela da nova aventura (sombria) da franquia "Um Lugar Silencioso", chamado "A Quiet Place: Day One", previsto para junho, a queniana Lupita Amondi Nyong'o tem papel definitivo para exercer em sua carreira a partir de amanhã, quando passa a comandar o júri da 74ª Berlinale.

Sua escalção celebra as lutas antirracistas que se tornaram uma das tônicas no evento, ao mesmo tempo que se alinha com a configuração de tom feminista da maratona cinéfila germânica, empoderando estrelas engajadas nas lutas de equidade de gêneros. Hollywood passou a reverenciar o talento de Lupita há dez anos, quando ela conquistou o Oscar de Melhor Coadjuvante por "12 Anos de Escravidão" (2013).

"Estou ansiosa por celebrar e reconhecer o excelente trabalho de cineastas de todo o mundo", afirmou Lupita em declaração ao site oficial da Berlinale.

Recentemente, ela estrelou "Wakanda Para Sempre" (2022), retornando ao papel da agente Nakia, uma das figuras centrais da dramaturgia do fenômeno popular "Pantera Negra" (2018).

"Faço de tudo para construir personagens que representem um signo mulher forte, capazes de fazer jus ao universo feminino da África", disse Lupita a este repórter em 2017, en-



Lupita Nyong'o em 'Wakanda Para Sempre': 'Gosto de filmes que afirmem identidades'

De Wakanda para o coração da Berlinale



CONCORRENTES AO URSO DE OURO

☞ **"Another End"**, de Piero Messina
 ☞ **"Architeton"**, de Viktor Kossakovsky
 ☞ **"Black Tea"**, de Abderrahmane Sissako
 ☞ **"La Cocina"**, de Alonso Ruizpalacios
 ☞ **"Dahomey"**, de Mati Diop
 ☞ **"A Different Man"**, de Aaron Schimberg
 ☞ **"L'Empire"**, de Bruno Dumont
 ☞ **"Gloria!"**, de Margherita Vicario
 ☞ **"Hors du Temps"**, de Olivier Assayas
 ☞ **"From Hilde, With Love"**, de Andreas Dresen

☞ **"My Favorite Cake"**, de Maryam Moghadam e Behtash Sanaeaha
 ☞ **"Langue Étrangère"**, de Claire Burger
 ☞ **"Who Do I Belong to"**, de Meryan Joobeur
 ☞ **"Pepe"**, de Nelson Carlos De Los Santos Arias
 ☞ **"Shambala"**, de Min Bahadour Bham
 ☞ **"Small Things Like These"**, de Tim Mielants
 ☞ **"Sterben"**, de Mathias Glasner
 ☞ **"The Devil's Bath"**, de Veronika Franz e Severin Fiala
 ☞ **"Sons"**, de Gustav Möller
 ☞ **"A Traveler's Needs"**, de Hong Sangsoo

Rissenbeek, sob a curadoria de Carlo Chatrian.

Distante do circuito exibidor desde 2015, quando disputou o Oscar com "Timbuktu", o diretor

mauritano Abderrahmane Sissako promete comover a Berlinale 2024 com um drama de tintas amorosas, que se passa entre a África e a China, chamado "Black Tea", anunciado

Divulgação

ontem entre os 20 concorrentes ao Urso de Ouro deste ano. Tem sangue jovem na lista em competição que Lupita vai avaliar. É o caso da franco-senegalesa Mati Diop, da italiana Margherita Vicario e do mexicano Alonso Ruizpalacios. Tem também medalhões: vide os franceses Bruno Dumont e Olivier Assayas e o sul-coreano Hong Sangsoo. A própria Alemanha sai em campo com o veterano Andreas Dresen. Entre as promessas sul-americanas encaradas como potenciais competidoras, foi selecionada uma produção colombiana que assume um hipopótamo como protagonista: "Pepe", de Nelson Carlos De Los Santos Arias. Ou seja: o que não falta é diversidade. No quesito, astros e estrelas, a Berlinale vai acolher uma constelação. Tem filme com Gael García Bernal, Isabelle Huppert e Sebastian Stan.

Reminiscências

"Gosto de filmes que afirmem identidades", disse Lupita. "Filmando 'Pantera Negra', eu me lembrava mundo do reino de Zamunda, terra do personagem vivido por Eddie Murphy em 'Um Príncipe em Nova York'. É um clássico que nos dá orgulho ao falar de afirmação das tradições africanas."

Na quinta, Lupita vai estar na sessão do filme de abertura da Berlinale: o drama irlandês (feito em coprodução com a Bélgica) "Small Things Like These", de Tim Mielants. Seu protagonista é Cillian Murphy, ganhador do Globo de Ouro de Melhor Ator Dramático por "Oppenheimer" e possível concorrente ao Oscar. Cillian vive um trabalhador das minas de carvão assolado por segredos de sua comunidade no Natal de 1985.

Na mostra paralela Encontros, Berlim confere o longa brasileiro "Cidade; Campo", de Juliana Rojas (de "Sinfonia da Negrópole"). A mesma seção (competitiva) oferece brasilidade na coprodução multinacional "Dormir de Olhos Abertos", de Nele Wohlatz. Este ano, a esquadra brasileira na Berlinale inclui títulos nas seções Panorama ("Betânia", de Marcelo Botta), Generation ("Lapso", de Caroline Cavalcanti) e Forum Expanded ("Quebranto", de Janaina Wágner).

O voo de Miyazaki

Divulgação

‘O Menino e a Garça’ chega às telas brasileiras à força da indicação desse épico animado ao Oscar, consagrando o mestre nipônico como um diretor autor que influencia gerações

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã



‘O Menino e a Garça’, animação premiada do japonês Hayao Miyazaki

Divulgação



L aureado com o Globo de Ouro de Melhor Animação, em janeiro, e encarado desde já como “O” favorito ao Oscar da mesma categoria, “O Menino e a Garça” (“The Boy And The Heron”) vai agitar os corações cinéfilos do Rio de Janeiro a partir do dia 22, quando entra em circuito carioca com a certeza de ser um blockbuster.

Pelo mundo afora o longa-metragem (exibido na abertura do Festival de San Sebastián, na Espanha, em setembro), faturou cerca de US\$ 165 milhões sem ter percorrido todas as praças nas quais os animes (apelido dado aos desenhos japoneses) fazem sucesso. A grife de Hayao Miyazaki, seu realizador, é sua garantia.

Quando “Okja” (produção da Netflix) concorreu à Palma de Ouro em Cannes, em 2017, seu diretor, o sul-coreano Bong Joon Ho cravou que sua inspiração era Miyazaki.

Wes Anderson disse o mesmo nome quando foi apresentar “Ilha dos Cachorros” na abertura da Berlinale 2018. Muitos mestres escalam o animador nipônico (hoje com 83 anos) como um xodó. Ele se destaca no gosto da cinefilia por sua habilidade única de incorporar situações melancólicas em contextos de aventura e narrativas de autodescoberta. Vem sendo assim desde sua estreia na direção, em 1972, com o curta-metragem “O Sol de Yuki”, de 1972. Sua consagração absoluta veio com a conquista do Urso de Ouro de 2002 por “A Viagem de Chihiro”, que

rendeu a ele o Oscar, em 2003. Seu estúdio, chamado Ghibli, fundado em Tóquio e, 15 de junho de 1985, é uma das produtoras mais respeitadas do planeta na seara animada.

Sempre bem-sucedido em circuito, com êxitos recentes como “A Tartaruga Vermelha” (2016), o Ghibli superou todas as expectativas de arrecadação com “O Menino e a Garça”. Sua trama passa em volta da II Guerra Mundial. Depois de perder a mãe em meio a um combate armado, o jovem Mahito se muda para as terras de sua família, no campo. Lá, uma série de eventos misteriosos, sempre associados à figura de uma ave sombria levam o garoto a uma torre antiga e isolada.

Quando a nova madrasta de Mahito de-

saparece, ele segue a tal ave (uma garça) até a torre e entra num mundo fantástico partilhado pelos vivos e pelos mortos, com animais que esboçam gestos típicos de humanos. Ao embarcar em uma jornada épica, com direito a um ataque de sapos, Mahito deve descobrir os segredos desse novo mundo e aprender a difícil arte de saber amadurecer – tema recorrente de Miyazaki.

Fazia tempo que o cineasta não filmava longas. Distante do circuito exibidor em 2013, quando lançou “Vidas ao Vento”, o artesão maior da chamada japanimation encerrou esse hiato com a saga de Mahito. O título original do projeto, no mercado audiovisual, foi “How Do You Live”, pois havia uma suspeita de que a base do roteiro seria baseado num livro homônimo: um romance de 1937 escrito por Genzaburo Yoshino. Mas executivos do Ghibli, por meio de uma reportagem da revista “Variety”, atestaram que não havia uma conexão direta. Miyazaki é um fã de Yoshino. Mas a trama que ele animou agora fala de outras questões ligadas a sequelas da campanha nipônica na II Guerra Mundial.

Há sempre cicatrizes da realidade histórica na obra do oscarizado diretor de cults como “A Princesa Mononoke” (1997). Seus personagens são sempre signos de conflitos morais de sua pátria, vide o aviador Marco Porquinho, de “Porco Rosso”, ou a peluda criatura de “Meu Vizinho Totoro”.

Em meio a seu afastamento das longas,

Miyazaki rodou um curta, “Boro The Caterpillar”, feito para ser atração do parque temático do Ghibli, que adotou um sistema de marketing bastante inusitado para o lançamento do regresso de seu astro rei aos cinemas. Nada se falou, até os festivais de Toronto e de San Sebastián, sobre esse novo filme. Nada se contou, nada se fez antecipar, e o cartaz dele se resume à imagem de um pássaro, sem qualquer conexão com a ideia antes divulgada de que seria uma trama sobre a educação sentimental de um rapaz.

O forte interesse da indústria pop por esse Walt Disney asiático, que fez de Totoro seu Mickey. Um Mickey nada moralizante. Essa corrida pelas quinquilharias nerds do Ghibli ampliou a atenção de gibiterias de todo o mundo por “Shuna’s Journey”, livro ilustrado de Miyazaki que pode ser importado via Amazon Prime.

Baseado numa lenda tibetana, a graphic novel narra o périplo de um príncipe para encontrar lima semente capaz de alimentar seu povo faminto. No percurso, ele se encanta por uma jovem chamada Thea. Ao salvá-la de seus captores, esse nobre, chamado Shuna, acaba se embrenhando em mil perigos nos rastros de uma divindade. Miyazaki assina os desenhos e o animador holandês Alex Dudok de Wit (de “Father and Daughter”) traduziu os diálogos do mestre para o inglês. As boas vendas do título estão crescendo à força da carreira de “O Menino e a Garça” para o Oscar.

A cantina com a brisa do mar

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

São várias lembranças entrecruzadas. O Posto 6, os senhores aposentados jogam cartas, campeonato de xadrez. E antigo jingle traz o eco; que hora do lanche, que hora tão feliz! E a merenda na cantina, aquele pão sempre meio torrado, o cachorro-quente com pimentão. No clube, depois da aula, era o lanche para ficar “fofocando”. O Brisa Café, ali no finzinho da praia de Copacabana, dentro do Clube Cultural Recreativo Posto 6.

As pegadas estão lá. Mesas com tabuleiro de xadrez, o menu foi cuidadosamente escolhido para ficar muitos degraus acima de uma bar de clube. É um cantina como deve ser. Opções para todos os gostos com as criativas opções de Gabriel Nunes, a par-

CRÍTICA / RESTAURANTE / BRISA CAFÉ

Divulgação



Brisa Café

tir dos ingredientes dos melhores fornecedores. Os pães vêm da Araucária e do Santo Gostinho, os frios vêm da tradicional Acepipes Delicatessen e café é o blend criado para a casa.

É em elenco de delícias. O pão de queijo, simples ou recheado, chegam quentes e crocantes. As manteigas da casa, com limão ou com mel, derretem como um melho que se mistura ao queijo, com tivessem sido feitos um para outro. O sucesso do brioche na chapa é de comer tabuleiros. Macio, tostado, amanteigado....

Meu companheiro foi o Chico Vereza, cuja refeição que mais ama é “a merenda”, como chama com humor. Pediu e devorou o Sanduiche de focaccia recheado com presunto parma, creme de burrata, tomate assado e rucula fresca. O pão macio, o recheio repleto de presunto, Mais moderada, pedimos a Brisa toast na focaccia redonda com base de creme de burrata, morangos e tomate cereja. finalização citrica com raspas de limao siciliano. A perfeita combinação de doce, salgado, creme e frescor.

Tomamos café coado e os gelados Iced Latte Camarel – com a espuma e o gosto de sal grosso ao final – e a Laranja com Café. Para terminar o bolo de maçã, fofo com aquela farofinha e o de laranja. Há os combos de café da manhã, os sanduiches são opções no tamanho e sabor para almoço. Fomos recebidos por Gabriel e Isabela Guerina que nos explicaram todos os caminhos.

SERVIÇO

BRISA CAFÉ

Av. Atlântica, 4206 - Copacabana

De terça a domingo, das 8h às 19h

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Samba & delícias

O Beco do Rato tem o melhor no mesmo lugar. Música brasileira de qualidade, ótimos drinques, cerveja geladíssima, petiscos de primeira com o carro-chefe pastel de angu da casa, com recheio de carne moída ou carne-seca com catupiry. Neste quarta-feira de cinzas, a casa recebe Os Batuqueiros, bloco que cultiva suas raízes, comandado por sambistas da nova geração e conhecidos nas rodas de samba do Brasil, com o tradicional desfile partindo da Rua Joaquim Silva até a Escadaria Selarón.

Divulgação



Divulgação



Para o Ano do Dragão

O calendário lunissolar da China faz com o que Ano Novo seja uma data móvel, geralmente em fevereiro. Como em 2024, o Ano Novo começou em 10 de fevereiro, as casas do Cantón, em Copacabana e no Rio Sul, estão oferecendo degustação especial para comemorar o Ano do Dragão, dia 9 ao 18, com dois siu mays com molho hoisin frutado, quatro wontons com molho de tamarindo, frango chijaukay com molho chinês, arroz chaufa de camarões e porco sechuan. Para festa ficar completa, experimente o Green Dragon - vodka, limoncello, xarope, hortela e capim santo.

Tomás Rangel/Divulgação



Carnes selecionadas

O Malta Beef Club, premiada casa de carnes, com duas unidades na Zona Sul, se tornou a primeira Embaixada 481 no Rio. Juntas, as marcas oferecem uma experiência completa com uma seleção de cortes feitos por Marcelo Malta, sócio do restaurante, e Marcelo Shimbo, fundador da 481 - todos escolhidos criteriosamente de acordo com a genética do boi, sua alimentação, idade, maturação e grau de marmoreio. Há porções individuais, para compartilhar e Para quem gosta de assar a própria carne, os produtos 481 também estarão à venda nos empórios dos restaurantes.